



ENTRE PALAVRAS

Qual é a sua fantasia?

Aracaju, capital de Sergipe, carnaval de 2007.

O centro estava repleto de foliões. Desde a Praça Fausto Cardoso até o Mercado Municipal, as ruas estavam tomadas de manifestações que expressavam a alegria e a cultura de um povo que traz vivas na memória as suas raízes e que se faz representar de forma a deixar bem clara a sua identidade. A festa é do povo. O carnaval sergipano é do povo. Sem cordas divisórias, as diferenças se diluem no embalo da música, em um congaçamento uníssono, quando o som é, de forma indistritível, a melodia da história de uma sociedade.

Os grandes homenageados deste carnaval eram conclamados em todos os momentos, de voz viva e radiofônica, pelo público extasiado, com seus nomes também conclamados em faixas e cartazes, sob as luzes que enfeitavam as ruas e davam cores aos tons sombrios dos edifícios públicos e dos velhos prédios. Homenageado, com a outorga do povo, seu Oscar, o velho carnavalesco, dos tempos antigos dos desfiles de escolas de samba que percorriam a extensão da Av. Barão de Marulim. Homenageado também o comunicador Hilton Lopes, que se apresentava como ilustre figura, dessas que por si já intimam a lembrança da festa.

A concentração dos blocos começava na Av. Ivo do Prado, e de lá partiam carregando sua espontaneidade. Entre eles as de origens e características folclóricas, como o bloco Boi do Cemitério, inspirado no Reisado, dança do período natalino cuja brincadeira começa em dezembro e se estende até fevereiro, antes da Quaresma, quando se realiza o 'enterro do boi'. Um componente carrega artefato que imita a figura do boi, enfeitado por fitas e tecidos coloridos.

O bloco desceu a avenida, formado por seus vários personagens, acompanhados por violão, sanfona, pandeiro, zabumba, triângulo e ganzá. Logo atrás, seguindo na mesma animação, mais um grupo de Reisado formado apenas por crianças, particularidade sergipana, sem nada similar em todo o país.

Caminhei entre pessoas fantasiadas - uma explosão de criatividade em cada

adereço - até chegar à praça da catedral e me separar com meninos e homens pintados de preto, outros de tinta vermelha e vestidos com apetrechos indígenas. Eram foliões que representavam os Lambe-sujos, manifestação inspirada na destruição dos quilombos. Estes já esperavam a passagem das Teleras de Laranjeiras, grupo de influência afro, que participa efetivamente do ritual cristão numa demonstração clara do sincretismo religioso entre a Igreja Católica e os rituais afro-brasileiros.

"Isso é que é carnaval", pensei. Fiquei contemplativo até ouvir a caixa de São Gonçalo, tocada por um homem vestido de marinheiro, como alusão a São Gonçalo do Amarante, que, segundo a lenda, teria sido um marinheiro que tirou muitas mulheres da prostituição, através da música alegre que fazia com a viola.

Já estava ali pelo Calçadão da João Pessoa, quando fui brindado por uma dança acompanhada de cânticos que eu conhecia bem. Era o Samba de Coco, de origem africana e forte influência indígena, com seu ritmo forte, compassado através de sapateados e palmas. Homens de idade avançada, com a serenidade de quem cumprem sua missão, acompanhavam o cortejo. Em suas mãos cuicas, pandeiros, ganzás, bombos, tamboros, chocachos, maracás, zabumbas e sanfona. Outros participantes pisavam forte, batiam palmas e cantavam, girando sem parar, desenvolvendo passos e requebros. Fui seguindo o bloco até chegar ao pátio do Mercado, onde a coisa 'pegava fogo'. Em palcos iluminados aconteciam shows de reconhecidos cantores e compositores sergipanos, estes ovacionados pelo povo que não parava de gritar o nome de seus ídolos e cantar as músicas de sua terra. Uma euforia que aumentava com as manifestações que passavam, entre um intervalo e outro.

Quarta-Feira de Cinzas: tirei a minha fantasia da cabeça. Na rádio ainda tocava axé, sem parar. Axé baiano, da pior qualidade.



PERCLES

COLABORADOR



OPINIÃO DO LEITOR

I FALTA CONSCIENTIZAÇÃO

Estou morando em Aracaju há aproximadamente cinco anos. Fui atraído pelos comentários de alguns colegas que aqui moraram e moram. Realmente comprovei. Achei a cidade de Aracaju um lugar maravilhoso para se morar, viver e ver nossos filhos crescerem. Porém, um fato que observei desde que aqui cheguei e que tem evoluído negativamente com o decorrer dos anos é a falta de conscientização da população em alguns bairros em jogar lixo a céu aberto. Digo isso porque a cidade realmente é pequena, linda e, se me permitirem, adotei para viver e criar meus filhos. Diante disso, não poderia me furtar de tornar público esse problema da falta de conscientização por parte de alguns habitantes da capital, afinal de contas são cinco anos que aqui reside e presenciando o crescimento da mesma, só deixando a desejar nesse aspecto.

Não podemos justificar a falta de consciência de alguns, alegando falta ou precariedade do serviço de coleta de lixo por parte da Emsurb. Pois, na minha opinião, é um dos melhores serviços prestados à população aracajuana.

No bairro em que resido, zona norte da cidade, todos os dias, praticamente, há coleta de lixo. Deveria, sim, haver um trabalho por parte dos órgãos competentes com a finalidade de conscientizar a população através dos meios de comunicação, em escolas, favelas etc. Trabalho esse, a fim de esclarecer quanto à importância de se colocar os lixos em sacos plásticos, guardá-los até serem recolhidos pelo caminhão da Torre e não fazer o que se observa no dia-a-dia. Em cada esquina, um amontoado de lixo. Sem contar que esse lixo jogado nas ruas, além de doenças, provocam alagamentos, entupimento de bueiros etc. A cidade de Aracaju não deixa a desejar em nenhum aspecto a outra cidade de igual ou maior porte. Outrossim, havendo uma conscientização nesse aspecto por parte de todos, a cidade e todos seus habitantes só têm a ganhar. Parabéns, Aracaju.

Flávio Alberto de Azevedo e Silva (assinante do CINFORM) - ic28bc@bol.com.br

I PSICODÉLICOS E PSICÓTICOS

Oi Flávia, quero dizer a você que a banda adoro a entrevista sobre os Psicodélicos e Psicóticos. Agradecemos a você e toda a turma aí do CINFORM por dar espaço para bandas que estão começando sua trajetória, como a nossa!

Parabéns pela manchete, muito bem escrita. Confesso que ficamos muito honrados pelas palavras que foram atribuídas para a gente. Sem palavras.

Abrços,
Vina Torto, músico

I PRAIA DOS ARTISTAS

Prezado Paulo Lobo, a Praia dos Artistas é um dos lugares que deixou saudades. Era um dos recantos mais agradáveis e bem frequentados, com muita gente bonita, inteligente e culta. Que tal convocar os antigos frequentadores e lançar um movimento pela revitalização da Praia dos Artistas, a fim de torná-la palco de grandes eventos culturais de Aracaju e, por que não, de Sergipe?...

Um grande abraço,
Marta Neusa Corqueira
noticias@infonet.com.br

I DEFENSORIA PÚBLICA

Gostei muito da matéria 'Serviços gratuitos na Defensoria não atendem a todos em Sergipe'. Para ser completa, peço à jornalista que dê um pulinho nos Fóruns Integrados e veja a falta de respeito com o povo carente. O povo chega às 6 horas e o defensor quer chegar às 9, 10 e 11 horas, e o atendimento só vai até às 12 horas. Gostaria que eles tivessem consciência, porque eles ganham pra isso. O povo não está perdendo, já paga impostos pra isso.

Leonardo Nery Melo
leonardonery@bol.com.br

I ARACAJU SURPREENDE

Estive em Aracaju neste carnaval e fiquei impressionado com a cidade, limpa, organizada e bela. Tenho confiança em Dêda, acredito nele. Não sou PT e nem simpatizante, mas fico impressionado com a capacidade administrativa de Dêda, acho um ser humano maravilhoso, sem falar extremamente honesto e, por que não dizer, um homem do bem. Torço por ele e gostaria de ver este grande homem público presidente da República. Capacidade ele tem e meu voto também.

João Andrade Neto
joaoandradenet@hotmail.com

I SÚPLICA

No dia 19 de novembro de 1969, o grande Pelé, rei do futebol, marcava o milésimo gol de sua carreira. Foi no Estádio Mário Filho, o famoso Maracanã, em partida entre Santos e Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, pelo torneio Roberto Gomes Pedrosa, anteriormente torneio Rio x São Paulo. Após a cobrança de uma penalidade máxima cobrada e, claro, convertida, Pelé foi carregado nos ombros, numa volta em torno do gramado. Nessa oportunidade, ao ser entrevistado, Pelé declarou o seguinte: "Vamos olhar pelas crianças do Brasil". Por isso foi chamado de demagogo. Lá se vão 38 anos, e nesses anos todos nada foi feito que atendesse às súplicas do rei do futebol. Resultado: o menino João Hélio foi arrastado por um carro pelas ruas de um bairro no subúrbio do Rio de Janeiro, tendo uma morte horrível. As autoridades falam em diminuir a menoridade penal, falam em penas mais severas para os menores, falam em criar leis mais rígidas. Porém, o que não falam é como evitar que essa verdadeira fábrica de bandidos continue a colocar a cada dia mais e mais criaturas a serviço do crime, a nos atormentar. É só lembrar o que Pelé disse há 38 anos. Vamos olhar pelas crianças. Vamos criar creches, vamos tirar as crianças das ruas, vamos fazer com que as crianças entrem na escola pela manhã e só saiam para suas casas à noite, e alimentadas. Vamos separar os criminosos nas cadeias e penitenciárias, evitando que um cidadão preso por não pagar pensão alimentícia fique junto a um ladrão ou assassino. E mesmo assim teremos que amargar mais uns dez anos de tormenta, porque essas atitudes não são milagrosas, precisará um certo tempo para sentirmos os efeitos positivos dessas ações. Porém, quanto mais tempo demorarmos para tomar uma atitude séria nesse sentido, muito mais tempo demorará para que consigamos viver com decência.

Wilson Aguiar-Radialista

I VIOLÊNCIA URBANA

Um crime bárbaro dessa natureza é sinal que a sociedade precisa manter seus valores morais! (comentário sobre a matéria 'Homem conta como cortou jovem ao meio em Tobias Barreto'). É lamentável, pois tenho um filho de 18 anos e sempre que ele sai de casa peço a Nossa Senhora Aparecida, da qual sou devota, que proteja meu filho e todos os jovens, não só desses crimes como de outros, como assalto, estupro etc. Infelizmente a nossa Aracaju está entregue às baratas. Ainda hoje eu ouvi no noticiário denúncias de que um carro da Polícia Militar de Aracaju, que deveria estar nas ruas à procura de bandidos, encontrava-se deixando três crianças em uma das escolas da cidade! Isso é vergonhoso!

Ester Barros Oliveira
esterbarrosoliveira40@yahoo.com.br

I RESPOSTA

Venho, através dessa nota, contestar as colocações feitas pelo sociólogo Rodorval Ramalho (no CINFORM Online) e publicadas neste veículo de comunicação no dia 5 deste mês. O caro sociólogo, ao fazer a sua avaliação sobre o resultado das últimas eleições, cita-me em trechos de forma maldosa, demonstrando total desconhecimento sobre a realidade dos fatos. Em momento algum fui investigado ou pesa contra a minha pessoa qualquer denúncia de desvio de recursos ou envolvimento em corrupção. Em 2005, sofri uma acusação de uma parlamentar do meu Estado, totalmente com fins eleitorais, de que teria oferecido a ela dinheiro para que mudasse de partido. No entanto, o Conselho de Ética da Câmara Federal me absolveu por 14 votos a zero, de forma unânime, comprovando a inexistência do fato. Votaram pela minha absolvição, inclusive, deputados do PSDB, o mesmo partido da parlamentar que me acusou, do PFL e PSOL, siglas da oposição, o que demonstra a isenção nas investigações. No plenário, obtive 340 votos a meu favor. É verdade, sim, que alguns deputados foram absolvidos no plenário, mas no Conselho de Ética fui o único a ter a absolvição recomendada. O único. Todos os outros parlamentares foram condenados no Conselho de Ética. Durante as investigações das CPIs não fui citado em momento algum em lista de recebimento de recursos ou corrupção, o que prova que o meu caso ficou restrito somente numa acusação infundada, não mais do que isso. Sendo assim, considero irresponsabilidade o envolvimento do meu nome na referida análise e espero a reparação do erro. Atenciosamente,
Sandro Mabel, deputado federal PR (GO)

As cartas trazendo assinatura, endereço, telefone para contato e nº de RG do autor devem ser enviadas para a Redação do Cinform, Rua Porto da Folha, 1116, bairro Getúlio Vargas, CEP.: 49.055-540 - Aracaju (SE), ou para o e-mail redacao@cinform.com.br.



OPINIÃO PESSOAL

A TV na vida real

* SIMONE ANTONIACI TUZZO

O Jornal Folha de São Paulo publicou dias atrás uma matéria especial sobre o 'Muro Brother Brasil'. Para quem não sabe, o voyeurismo exercitado diariamente no Big Brother Brasil da Rede Globo rende frutos, e a sociedade, não mais satisfeita em somente assistir à referida programação, resolve adaptar o modelo para situações mais próximas de suas realidades.

Na cidade de Sabará, em Minas Gerais, o faxineiro Francisco Dario dos Santos, 33, o 'Chiquinho', criou em sua casa uma estrutura doméstica e edita o que intitulou de 'Muro Brother Brasil'. Com oito participantes e sete câmeras, as tramas, brigas e acertos do cotidiano da casa são exibidos em um aparelho de TV fixado no muro e voltado para a rua. Na versão doméstica, o 'paredão' é 'muro' e o confessorário é o banheiro. Os vizinhos acomodam-se diante da 'residência-cenário' de Chiquinho, que pessoalmente comanda o espetáculo.

Os oito participantes disputam uma cesta básica, prêmio bem diferente do BBB da Rede Globo. Sete participantes são parentes de Francisco Dario, incluindo sua mãe, irmã, sobrinha, cunhada e enteada, além do cachorro Duque, que também participa do 'programa'.

O público participa escolhendo o eliminado da vez pelo número de batidas na porta, a qual, aliás, possui um furo que permite olhadelas generosas no cotidiano dos competidores.

Chiquinho é faxineiro da prefeitura e recebe um salário mínimo por mês. O idealizador da versão caseira do Big Brother decidiu atuar como produtor depois de sete tentativas frustradas de participar das versões oficiais do reality show da Rede Globo. Segundo ele, a intenção não é ficar rico, mas famoso.

Outros nomes adaptados da Rede Globo também são utilizados por Chiquinho, como Murojac - alusivo ao Projac global -

e a atração 'Muro Espetacular', apresentada na TV do muro, com programação esportiva. O Muro Brother também possui o seu Pedro Bial, ou seja, Francisco incorpora o 'Chiquinho Mial' e faz as vezes do apresentador.

Outra particularidade é que o confinamento se restringe aos horários em que os participantes não estão exercendo suas atividades rotineiras, ou seja, as crianças vão à escola, e os adultos ao trabalho. À noite, os participantes recolhem-se na casa do Muro Brother.

Na versão caseira também existem regras, como a proibição do consumo de álcool, uso de cigarro e falar palavrões na casa. Quem descumprir as regras está fora. O tempo do Muro Brother segue o calendário do BBB da Rede Globo, ou seja, termina daqui a mais de um mês.

O mais curioso e que nos leva à reflexão, contudo, não é o fato de existir alguém disposto a criar uma versão doméstica do Big Brother, mas sim a existência de público para as exhibições. É fato que a sociedade hoje se interessa demasiadamente pelo que é privado, tornando público aquilo que não necessita fazer parte do conhecimento de ninguém.

Surpreendentemente as pessoas se voltam para o consumo do privado através de rádio, televisão, meios impressos de comunicação e até situações do cotidiano externas à mídia. O voyeurismo exacerbado consome boa parte do tempo da sociedade, tempo esse precioso, que poderia estar sendo utilizado para desenvolvimento de ações mais úteis, mais nobres e mais voltadas ao desenvolvimento da própria sociedade.

Importante frisar que, no caso dos meios de comunicação de massa, o tempo/espaço é precioso e útil para a coletividade, e se esse tempo precioso está sendo gasto com coisas desnecessárias é porque o que realmente deveria estar sendo mostrado não está chegando até nós.

É Doutora em Comunicação pela UFRJ, Assessora de Comunicação e docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Tiradentes - Unit. simonatuizzo@infonet.com.br